

ARTIGO

STANISLAW SZMAJZNER: O ÚNICO SOBREVIVENTE DO CAMPO DE EXTERMÍNIO DE SOBIBOR NO BRASIL

STANISLAW SZMAJZNER: THE ONLY SURVIVOR OF THE SOBIBOR DEATH CAMP IN BRAZIL

FELIPE CITTOLIN ABAL¹

RESUMO

O presente artigo explora a vida de Stanislaw Szmajzner, único sobrevivente do campo de extermínio de Sobibor que veio a residir no Brasil após o fim da Segunda Guerra Mundial. O objetivo buscado é expor a respeito da vida de Shlomo, como era conhecido, de maneira a manter viva a memória do sobrevivente e também, através do seu exemplo, demonstrar os horrores vividos nos campos de extermínio nazistas. Partindo de sua infância, o artigo explora a vida de Szmajzner antes de seu cativeiro em Sobibor a partir da invasão da Polônia pela Alemanha nazista, o período em que foi prisioneiro no campo de extermínio, sua participação na revolta ocorrida no campo e sua vida no Brasil, onde teve parte no reconhecimento de Gustav Wagner como partícipe no genocídio ocorrido em Sobibor.

PALAVRAS-CHAVE: Holocausto. Sobibor. Brasil. Stanislaw Szmajzner.

ABSTRACT

This article explores the life of Stanislaw Szmajzner, the only survivor of the Sobibor extermination camp who came to live in Brazil after the end of World War II. The objective sought is to expose about Shlomo's life, in order to keep the survivor's memory alive and also, through his example, to demonstrate the horrors experienced in the Nazi death camps. Starting from his childhood, the article explores Szmajzner's life before his captivity in Sobibor after the invasion of Poland by Nazi Germany, the period when he was a prisoner in the

¹ Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo/RS. Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UPF/RS. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6208-5893>

extermination camp, his participation in the revolt in the camp and his life in Brazil, where he took part in the recognition of Gustav Wagner as a participant in the genocide that took place in Sobibor.

KEYWORDS: Holocaust. Sobibor. Brazil. Stanislaw Szmajzner.

Considerações Iniciais

O objetivo desse artigo é discorrer a respeito da vida de Stanislaw Szmajzner, Shlomo, como era conhecido. Judeu polonês, ainda em sua adolescência sofreu com os impactos da invasão nazista à Polônia e com a política de genocídio dos judeus, sendo enviado ao campo de extermínio de Sobibor, onde acabou por se tornar figura central na revolta acontecida no campo. Escapou, juntou-se à resistência e, posteriormente, emigrou para o Brasil, onde passou o restante da sua vida, sendo o único sobrevivente de Sobibor a residir no país, fato que revela a importância desse texto.

Reduzir Shlomo a “sobrevivente de Sobibor” talvez seja um erro. Não porque sobreviver a um campo de extermínio seja pouco, mas em virtude de tudo o que fez e representou. Shlomo sobreviveu, sim, mas também lutou, escreveu sua história, enfrentou seus algozes e obteve vingança.

O artigo será dividido em cinco partes para abarcar os pontos principais a respeito da trajetória de Shlomo: anteriormente à sua chegada em Sobibor, o campo, seu cativo, a revolta dos prisioneiros e sua vida após a fuga. Para tanto, será utilizado, em especial, o livro autobiográfico de Szmajzner, “Inferno em Sobibor: a tragédia de um adolescente judeu”, assim como outras fontes bibliográficas para complementar fatos referentes

à Sobibor e a revolta ocorrida, bem como outros relatos de sobreviventes do campo de extermínio obtidos pelo autor e já publicados em outra ocasião.

Importante nesse momento destacar as dificuldades de produzir um artigo calcado em memórias e relatos autobiográficos. Escrever tendo por base uma obra autobiográfica representa um desafio, já que após anos de pesquisa sobre o tema cria-se uma cumplicidade entre o pesquisador, as vítimas dos crimes nazistas e seus relatos, como já alertou Cláudio Elmir:

O interessante, parece-me, é pensar na hipótese de que os relatos de memória literariamente mais sofisticados sejam, por esta razão, capazes de embolar, pela sedução produzida em seu leitor, o ponderado e cuidadoso escrutínio do texto. Neste jogo entre o texto e o leitor, ainda que este último se coloque, costumeiramente, no papel de crítico do testemunho no seu ofício, a “suspensão da descrença” – regra de leitura própria da produção oriunda do campo literário – encontra, involuntária e paradoxalmente, a sua realização por meio dos “especialistas”. Nestes casos, imperativos morais, ideológicos ou políticos talvez sejam responsáveis por uma espécie de “comunhão afetiva” entre o historiador e a sua “fonte” (ELMIR, 2010, p. 194).

Tendo isso em vista, em todas as ocasiões em que foi possível utilizar de outras fontes para descrever os fatos ocorridos, foram confrontados o relato com as demais produções já existentes, tendo por finalidade ser fiel ao ocorrido. No que diz respeito às memórias acerca de acontecimentos pessoais, no entanto, pretendemos uma fidelidade não aos fatos, uma vez que isso seria impossível, mas sim à visão do autor do relato, seguindo a linha descrita por Ângela de Castro Gomes:

[...] está descartada a priori qualquer possibilidade de se saber “o que realmente aconteceu” (a verdade dos fatos), pois não é essa a perspectiva do registro feito. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de dizer “o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, que ouviu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de “excesso de sentido do real pelo vivido”, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza (apud ELMIR, 2010, p. 193).

Sabemos das limitações e perigos da memória, bem como dos cuidados necessários que devem ser tomados diante dos traumas pelos quais passaram os sobreviventes dos campos de extermínio. No entanto, expor os relatos e lembranças é uma parte essencial ao trabalho do historiador, já que, nos dizeres de Jeanne Marie Gagnebin “ele precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nomes, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados” (1998, p. 221).

Nazismo, antissemitismo e o genocídio judeu são temas que continuam a atrair atenção e gerar debates, tanto no mundo acadêmico quanto fora. A produção em torno desses temas é importante, uma vez que, como historiadores, sabemos que, infelizmente, existe a possibilidade dos horrores da Shoá ocorrerem novamente, mesmo que de outra forma ou com outro grupo de pessoas. Além disso, a maior atitude contra aqueles que perpetraram os crimes e os que defendem ideologias como o nazismo e o fascismo continua sendo a memória daqueles que lutaram, resistiram, sobreviveram e também dos que foram assassinados.

Dessa maneira, o tema é relevante, uma vez que explora a vida do único sobrevivente de Sobibor que veio a residir no Brasil, além de, através

do seu exemplo, expor os horrores perpetrados pelos nazistas nos campos de extermínio contra milhões de pessoas.

1. Antes de Sobibor

Stanislaw Szmajzner nasceu em Pulawy, Polônia, em 27 de março de 1927. Seus pais eram membros da comunidade israelita, religiosos praticantes e Shlomo foi educado em um colégio hebraico, enquanto paralelamente aprendia o ofício de joalheiro com seu pai. Shlomo relata que na sua infância já sofria com o antissemitismo por parte das crianças cristãs, apesar de considerar sua vida feliz até 1939 (SZMAJZNER, 1979, p. 24).

Com a invasão da Polônia pela Alemanha, em setembro de 1939, sua vida mudou drasticamente. Pulawy foi bombardeada e destruída em grande parte, fazendo com que as pessoas decidissem abandonar a cidade. Shlomo e sua família rumaram a Kazimierz, onde pretendiam se encontrar com parentes. Lá chegando, esperavam encontrar maior tranquilidade, porém, poucos dias depois a cidade também foi atacada, fazendo com que eles mais uma vez buscassem refúgio, dessa vez em uma região montanhosa próxima, onde foram acolhidos por um senhor cego e puderam permanecer por um período (SZMAJZNER, 1979, p. 27-28).

Com o sucesso da operação alemã e a aparente cessação das hostilidades, Szmajzner e sua família regressaram a Pulawy, onde encontraram sua casa intacta. Shlomo foi obrigado pelos alemães, juntamente com outros judeus, a fazer a limpeza nas casernas e outros serviços, mas pouco tempo depois ofereceu seu trabalho e do mestre-ourives, Herszl, o que foi aceito pelos alemães e propiciou uma melhora em

suas condições, recebendo mais comida em troca de seu trabalho como ourives (SZMAJZNER, 1979, p. 29-30).

O perigo que circundava os judeus era evidente e, em virtude disso, Shlomo, juntamente com Herszl e seu cunhado Josef, decidiram cruzar o rio Bug para o território ocupado pelos soviéticos, na esperança de estarem a salvo. Os três conseguiram chegar de trem a Chelm e, de lá, partiram com mais três membros da família de Herszl para Dubienka, onde conseguiriam atravessar o Bug. Superado o trajeto, acabaram sendo capturados por tropas soviéticas e expulsos para o outro lado do rio. Determinados, não se deixaram abater e novamente cruzaram o Bug para a área em controle dos soviéticos, dessa vez chegando a Kowel, onde puderam trabalhar e se estabelecer por um curto período (SZMAJZNER, 1979, p. 31-34).

A ideia de Shlomo agora era de buscar sua família e Herszl decidiu acompanhá-lo para trazer sua noiva. Já era inverno de 1940 e novamente não foi uma tarefa fácil. Assim que chegaram à cidade de Damaczewo foram presos, mas apenas Shlomo permaneceu enclausurado, já que não escondia seu desejo de regressar ao lado alemão. Passaram-se diversos dias até que ele fosse solto na beira do rio Bug, juntamente a outros detidos, e atravessou novamente a fronteira (SZMAJZNER, 1979, p. 34-38).

Szmajzner viajou de diversas maneiras rumo à sua cidade natal, até que em Biala-Podlaskie foi delatado por um polonês por ser judeu e não estar usando a estrela amarela, sendo novamente preso, dessa vez pelos nazistas. Foi-lhe aplicada uma penalidade, mas acabou solto e acolhido por um alfaiate judeu. Finalmente conseguiu entrar em um trem para Pulawy e, já a bordo, encontrou um conhecido que lhe advertiu para que não descesse na cidade, uma vez que não haveria mais judeus lá. Diante disso, Shlomo

decidiu ir a uma cidade próxima, Demblin, onde foi informado por parentes que os judeus foram evacuados de Pulawy. Shlomo ficou em Demblin por duas semanas, após o que partiu, dessa vez para Wolwonice, onde tinha parentes e poderia ter sido o destino de seus pais (SZMAJZNER, 1979, p. 40-42).

Depois de viajar escondido entre a carga na carroça de um comerciante, Shlomo chegou ao seu destino, onde, de forma surpreendente e jubilosa, encontrou sua família. Em Wolwonice moravam em sete pessoas em um barraco de quatro metros quadrados sem calefação ou sanitário, apenas com um fogão de barro. Apesar de felizes, seus parentes não podiam acreditar que Shlomo havia saído de Kowel para retornar à Polônia ocupada, onde os bens dos judeus eram tomados e eles viviam sem higiene, conforto e sequer comida suficiente (SZMAJZNER, 1979, p. 43-45).

Por influência de parentes, Shlomo, mesmo jovem, passou a fazer parte do *Judenrat*, um conselho de judeus criado pelos alemães para realizar a comunicação entre a população judaica e os nazistas (KLEIN, 1960), o que lhe garantia uma maior quantidade de alimentos. Três dias depois ele foi designado para realizar trabalhos forçados, o que já era feito por seu pai, irmão e sobrinho. Shlomo e os demais trabalhadores realizavam todo tipo de serviço, como limpeza, descarregamento de cargas e desobstrução de estradas cobertas de neve (SZMAJZNER, 1979, p. 45-48).

Em 1940 Shlomo foi novamente preso, dessa vez juntamente a seu pai, por viajarem escondidos até Kazimierz para pedir auxílio a familiares, sem usarem a estrela e em desacordo com a proibição estabelecida pelos alemães. Mais uma vez conseguiram fugir e, retornando a Wolwonice, teve a oportunidade de trabalhar como ourives para os nazistas em Nalenczow,

um serviço muito menos pesado do que vinha fazendo até então (SZMAJZNER, 1979, p. 48-53).

Essa relativa tranquilidade durou até 1941, quando os alemães deram a ordem para todos os judeus serem concentrados em um gueto em Wolwonice. Com uma grande quantidade de pessoas em um pequeno espaço, formou-se uma enorme confusão entre a população judaica para ocupar os quartos e casas disponíveis. Shlomo e sua família tiveram que se contentar em viver na sinagoga, único local disponível (SZMAJZNER, 1979, p. 58-60).

No gueto aumentou a facilidade dos nazistas para arregimentar pessoas para o trabalho escravo e Shlomo não fugiu dessa regra. Destacado para descarregar carvão, Shlomo perdeu muito peso e teve problemas de respiração, o que fez com que fugisse mais uma vez, até a casa de parentes em Gniwieszow, mas pouco depois retornou para sua família e uma existência de muitas dificuldades. A fome assolava os judeus no gueto, o trabalho forçado destruía os corpos e o inverno chegava sem piedade. (SZMAJZNER, 1979, p. 61-62).

O ano de 1942 começava como uma promessa que a miséria continuaria se estendendo, como colocou o próprio Smajzner: “A fome, o frio, os maus tratos, a promiscuidade, a imundície e o trabalho insano constituíam um círculo maléfico do qual não podíamos sair” (SZMAJZNER, 1979, p. 79). Para piorar, um surto de tifo se espalhou pelo gueto e o tio de Shlomo, Pinches, foi um dos primeiros a morrer em virtude da doença. Sua irmã, irmão e sobrinho também sofreram com o tifo, porém conseguiram se recuperar, assim como Shlomo que passou três semanas acamado com a doença (SZMAJZNER, 1979, p. 80-82).

Shlomo mal superara a doença que afligia o gueto quando mais uma vez sua vida esteve em risco iminente. O diretor da *Arbeitsamt*, responsável por designar trabalhadores para as tarefas necessárias, foi assassinado. A SS foi enviada à cidade e informaram que todos os trabalhadores deveriam se reunir na principal praça da localidade. Desconfiados, a maioria dos judeus não compareceu e começaram a ser coagidos para que cumprissem a ordem. Shlomo e seu pai, então, viram um membro do *Judenrat* ser assassinado a tiros, o que fez com que eles e muitos outros buscassem um esconderijo. Escondidos, conseguiram ainda ver quando membros do *Judenrat* e da Polícia Judaica (*Jüdische Ghetto-Polizei*) foram reunidos e fuzilados. Shlomo e os demais só saíram de seu esconderijo quando perceberam que os soldados haviam ido embora. No dia seguinte, após o enterro dos corpos, foram avisados que seriam todos evacuados. (SZMAJZNER, 1979, p. 83-85).

Em março de 1942 os judeus do gueto de Wolwonice foram transportados para Opole Lubelskie, onde o gueto judaico era maior, com mais prédios e abrigos e mais separada da cidade. Como o gueto já era habitado, os recém-chegados tiveram que ocupar os poucos espaços existentes com a ajuda de algum parente ou conhecido que estivesse lá anteriormente e, assim, a família de Shlomo conseguiu uma loja abandonada para residir. Era um espaço pequeno, mas estavam em melhores condições do que as diversas pessoas que não conseguiram qualquer abrigo (SZMAJZNER, 1979, p. 86-90).

Szmajzner e sua família sobreviveram com a ajuda de amigos e parentes e Shlomo foi destacado para produzir placas de latão que serviam para a identificação dos policiais e, depois, chegou a ser contratado para

fazer um anel de ouro para um oficial da SS. Com o passar do tempo, mais pessoas eram convocadas para se reunir na praça e serem transportadas, sem que qualquer um dos judeus soubessem o destino. No dia 10 de maio foi dada a ordem para que todos os remanescentes se reunissem para evacuação e Shlomo e sua família, diante das ameaças, obedeceram. Idosos, mulheres e crianças foram colocados em carroças, enquanto os homens seguiam a pé. Os que não conseguiam seguir caminhando eram fuzilados (SZMAJZNER, 1979, p. 92-105).

Após horas de caminhada e pouco descanso, chegaram à estação ferroviária de Nalenczow, onde ficaram detidos na espera do trem. Antes de clarear todos foram violentamente colocados em um trem de carga que após a partida revelou-se palco de horrores: “crianças morriam asfixiadas [...] anciãos eram pisados e imprensados de todas as maneiras; mulheres, algumas delas grávidas, flutuavam sem poder apoiar os pés no chão” (SZMAJZNER, 1979, p. 110). Shlomo ainda não sabia, mas seu destino era o campo de extermínio de Sobibor.

2. Sobibor

Sobibor é uma pequena localidade há 140km de distância de Opole e 219km de Varsóvia. O local foi selecionado pelo Escritório Central de Administração da SS para a construção de um campo de extermínio em virtude de suas características, estando localizado próximo a uma estação ferroviária e a poucos quilômetros do Rio Bug, fronteira com a Ucrânia, cumprindo com o propósito de levar os judeus o máximo possível ao leste.

O campo era constituído, inicialmente, por um retângulo de 600 por 400 metros (ARAD, 1999, p. 30).

A construção do campo iniciou em 1942 sob a direção do *Obersturmführer* da SS Richard Thomalla, porém, por não ter obedecido o cronograma estipulado, em abril do mesmo ano foi substituído pelo *Obersturmführer* Franz Stangl como comandante de Sobibor. Stangl, que após a Segunda Guerra fugiu para o Brasil, de onde foi extraditado em 1967², ordenou o envio de mais judeus para trabalhar no campo e o processo foi acelerado (ARAD, 1999, p. 31).

Sobibor fazia parte da Operação Reinhard (em alemão *Aktion Reinhard* ou *Einsatz Reinhard*), codinome utilizado por Heinrich Himmler, Reichsführer das SS (Schutzstaffel), para uma das ações nazistas mais secretas de toda a Segunda Guerra Mundial, o implemento da “solução final para a questão judaica”, que consistia na edificação e operacionalização de campos de extermínio, somados aos campos de concentração já existentes na Polônia (RASHKE, 1995, p. 45)

Após a construção das câmaras de gás e o teste delas mediante o assassinato de cerca de duzentos e cinquenta judeus, o campo estava pronto, sendo dividido em três partes: a área de administração, a área de recepção e a área de extermínio. A área de administração era dividida em duas partes, o Campo Anterior, constituído pelo portão de entrada, rampa da ferrovia e alojamentos para membros da SS e guardas ucranianos, e o

² Para mais informações sobre Stangl e os processos de extradição contra ele no Brasil consultar ABAL, Felipe Cittolin. *Nazistas no Brasil e Extradicação: os pedidos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma ótica histórico-jurídica*. Curitiba: Juruá, 2014.

Campo I, onde ficavam os galpões para alojamento dos prisioneiros judeus e oficinas de sapateiros, alfaiates e outros profissionais necessários para a manutenção do campo (ARAD, 1999, p. 32).

A área de recepção era chamada de Campo II e era onde os judeus chegavam a Sobibor. Nesse local havia galpões para que as vítimas se despissem e onde suas roupas e pertences eram guardados e separados e um prédio onde joias, ouro, diamantes e outros bens mais valiosos eram estocados. Um corredor separava o Campo II do Campo III, a área de extermínio, sendo cercado por arame farpado e entrelaçado com galhos de pinheiro de forma a não possibilitar que se enxergasse de fora ou de dentro. Na metade do corredor existia um galpão onde os cabelos das mulheres eram cortados antes de chegarem nas câmaras de gás (ARAD, 1999, p. 32-33).

O Campo III, ou área de extermínio, estava a noroeste do campo e era onde ficavam as câmaras de gás, covas coletivas, um galpão para que os prisioneiros que trabalhavam lá dormissem e um galpão para os guardas. Essa parte do campo era isolada do restante, não sendo permitido o contato com os prisioneiros que trabalhavam lá, como relatou o sobrevivente de Sobibor, Philip Bialowitz:

Os alemães primam pelo estrito segredo sobre o que ocorre no Campo III. Absolutamente nenhum contato é permitido entre os prisioneiros do Campo III e os prisioneiros das outras partes, Campo I e Campo II. Os alemães são tão obcecados por manter o segredo que qualquer um que sequer espiar para dentro do Campo III e levado para as câmaras de gás (BIALOWITZ, 2010, p. 73).

As vítimas chegavam em Sobibor em trens, apesar de existirem relatos de pessoas de localidades mais próximas serem transportadas em caminhões. Logo que o campo passou a ser utilizado os membros da SS abriam os vagões e com grande violência obrigavam os judeus a desembarcar. Posteriormente, passaram a utilizar um grupo de cerca de cinquenta prisioneiros para realizar esse serviço. As pessoas idosas, doentes ou que não pudessem se locomover eram levados por um trem de mineiros até a beira de uma cova e fuzilados. Os demais eram divididos em dois grupos, um de homens e outro de mulheres e crianças (SCHELVIS, 2007).

Após essa divisão um oficial da SS, normalmente Gustav Wagner em Sobibor, questionava se haviam profissionais necessários para trabalhos no campo, como carpinteiros, mecânicos ou sapateiros, por exemplo. Os poucos selecionados para trabalhar no campo eram poupados, enquanto os demais eram enviados ao Campo III para serem mortos. O sobrevivente Philip Bialowitz, em entrevista ao autor, conta como ocorreu o processo de chegada e seleção em seu caso, coadunando com o relatado por Szmajzner, como será visto posteriormente:

Eu fui levado a Sobibor em um caminhão, junto com meu irmão, duas irmãs e uma sobrinha (...) Um oficial alemão perguntou se haviam profissionais ou negociantes entre nós. Meu irmão agarrou minha mão e me puxou para a frente com ele. Ele disse aos alemães que ele era um farmacêutico e eu era seu assistente. O oficial aprovou e disse para que ficássemos de lado, onde cerca de outros cinco profissionais estavam. Desta forma meu irmão me salvou de ser enviado às câmaras de gás com quase todos com quem estávamos, inclusive minha sobrinha e minhas duas irmãs. Com lágrimas nos olhos, meu irmão e eu dissemos adeus aos nossos parentes pela última vez. Minha sobrinha tinha apenas sete anos de idade, mas ela veio e me abraçou, sabendo que ia morrer (ABAL, 2014, p. 54).

O primeiro grupo a ser levado para o galpão onde as bagagens eram guardadas e selecionadas era o de mulheres e crianças, seguido pelo de homens que não haviam sido escolhidos para trabalhar. Então, separadamente, os grupos eram enviados para se despirem para que na sequência as mulheres pudessem ser levadas ao galpão onde seus cabelos eram cortados para posteriormente serem utilizados em benefício da Alemanha, sendo transformados em chinelos ou meias (SCHELVIS, 2007).

Passado esse “processamento”, como era chamado, as vítimas eram levadas para as câmaras de gás e mortas com a utilização de gás carbônico oriundo de um motor que ficava do lado de fora. Os corpos eram removidos e tinham suas cavidades revistadas em busca de dentes de ouro, joias ou pedras preciosas que deveriam ser enviados a Lublín para financiamento da guerra (SCHELVIS, 2007). Como será visto, muitas vezes os oficiais da SS se apoderavam do ouro e joias para si.

No início os cadáveres eram enterrados em covas coletivas, porém Himmler decidiu que os vestígios dos crimes deveriam ser apagados e, por isso, iniciou-se a cremação dos corpos. Os ossos que restavam eram moídos e enterrados juntos das cinzas (RASHKE, 2011). A rotina de trabalho e sobrevivência no Campo II por parte dos prisioneiros e prisioneiras poderá ser melhor compreendido retornando às memórias de Stanislaw Szmajzner

3. Sobrevivendo em Sobibor

O trem que transportava Shlomo chegou em Sobibor e os prisioneiros foram recebidos com violência, ordenados a sair dos vagões e,

como mencionado, as mulheres e crianças separadas dos homens. Formados em colunas, foram questionados pelo *Oberscharführer* Gustav Wagner a respeito de suas profissões no processo de “seleção” dos recém-chegados. Foram chamados carpinteiros, mecânicos, alfaiates e outras profissões, mas não ourives. Nesse ponto Shlomo interrompeu e perguntou se não buscavam por alguém que fizesse joias. Wagner ficou incrédulo diante da idade de Shlomo, mas este puxou suas ferramentas e alguns monogramas que tinha consigo para provar sua habilidade. O nazista pediu para que ele se afastasse do grupo e Shlomo ainda conseguiu com que seu irmão, sobrinho e primo ficassem com ele, dizendo que eles seriam seus irmãos e ajudantes. Sua maleta de ferramentas e a habilidade como ourives mais uma vez salvavam sua vida (SZMAJZNER, 1979, p. 114-118).

O grupo formado por Shlomo, seus “irmãos” e um pintor de placas também selecionado foi então levado a um barracão próximo. Lá encontrou mais um prisioneiro e foi levado para buscar comida. A realidade a respeito de Sobibor ainda não havia sido revelada a ele (SZMAJZNER, 1979, p. 119-121).

No dia seguinte o grupo foi levado até um galpão onde puderam pegar materiais para realizar seus ofícios, bem como alguns cobertores. Mais tarde, foram visitados em seu barracão por dois oficiais nazistas, que conversaram com eles amistosamente a respeito do campo e dos seus ofícios. Shlomo depois descobriria seus nomes: Franz Stangl, comandante do campo, e Gustav Wagner. A primeira joia encomendada a Shlomo era exatamente para o comandante do campo, um monograma (SZMAJZNER, 1979, p. 123). Essa era a primeira vez que suas vidas se cruzavam, mas não

a última. Wagner, em especial, teria um lugar de destaque na história de Szmajzner.

Shlomo recebeu uma quantidade de anéis para fazer o monograma. Sem questionar sua procedência, fundiu o metal e trabalhou o restante do dia e a noite toda para entregar a joia. Enquanto isso, seus ajudantes fingiam trabalhar para que os nazistas que visitavam o galpão não descobrissem a mentira. Terminado o monograma, Stangl regressou e ficou muito feliz com o resultado. Shlomo recebeu mais encomendas de placas, anéis e monogramas, um deles para Wagner que, na condição de responsável pelo Campo I, teve prioridade (SZMAJZNER, 1979, p. 124-130).

No dia seguinte o sargento Kurt Bolander também visitou Shlomo para fazer uma encomenda. Queria um adorno para o cabo de seu chicote. Entregou uma quantidade de ouro e disse que gostaria de colocar uma moeda de ouro na ponta do cabo, pedindo a Shlomo que enviasse um de seus ajudantes para busca-la no próximo dia, perto dos chuveiros. Após a chegada de um novo transporte, Shlomo pediu que seu sobrinho de treze anos de idade, Jankus, buscasse a moeda (SZMAJZNER, 1979, p. 132).

Jankus voltou transtornado. Apenas depois de muitos esforços para acalma-lo é que conseguiu contar o que tinha visto. Enquanto procurava por Bolander viu mulheres sendo agredidas e obrigadas a se despir, enquanto seus filhos eram retirados de perto delas. O adolescente ainda relatou ter visto os nazistas pegando bebês pelos pés e batendo com eles contra o muro. Por um golpe de sorte encontrou Bolander, que entregou a ele a moeda e o advertiu para que nunca mais entrasse naquela parte do campo (SZMAJZNER, 1979, p. 133-134).

Apesar de não conseguir acreditar em tudo que seu sobrinho relatava, o terror tomou conta de Shlomo. Não era possível compreender o motivo de tal selvageria. Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada de Wagner, que pedia pela sua joia. Entregue, o nazista ficou satisfeito, mas, sabendo que Bolander também havia encomendado um adorno, ficou transtornado e exigiu que a partir daquele dia só fizesse trabalhos para ele ou para quem ele autorizasse. Wagner era o dono do Campo I. Após entregar a encomenda de Bolander ele deveria fazer um anel para cada membro da SS do campo (SZMAJZNER, 1979, p. 135-137).

A grande encomenda de anéis tomou o tempo de Shlomo. Oficiais da SS entravam na oficina a todo momento para medir seus dedos e o trabalho era incessante. Cheio de dúvidas, Szmajzner ainda não conseguia entender o motivo dos alemães serem tão violentos com os recém-chegados. Passados quinze dias de sua chegada em Sobibor, entrou no seu barracão um guarda ucraniano dizendo que tinha que falar com ele. Muito desconfiado e visivelmente nervoso, disse se chamar Klat e conhecer Abrão, um amigo de Shlomo, e que tinha uma mensagem para entregar, em troca de ouro. Shlomo recebeu o papel e disse que lhe entregaria o ouro no dia seguinte. Somente à noite leu as palavras escritas: “Ninguém vive... Diga Kadish” (SZMAJZNER, 1979, p. 143-145).

O pedido para que Shlomo recitasse a oração à memória dos mortos espalhou tristeza e desespero pelo galpão. Não sabia se aquilo se referia aos seus parentes ou a todos os judeus. A noite foi de choro, mas no dia seguinte ele deveria trabalhar. Pela manhã retornou o guarda ucraniano e, além do ouro, Shlomo deu a ele uma carta a ser entregue a Abrão, perguntando quem estava morto, o que acontecia no Campo III e em

Sobibor no geral, uma vez que muitos chegavam naquilo que ele pensava ser um campo de trabalho (SZMAJZNER, 1979, p. 135-146).

Mal o guarda havia saído, entrou na oficina um oficial da SS, Poul, exigindo que Shlomo fizesse um anel para ele. Quando disse que só poderia fazer com a autorização de Stangl ou Wagner, Poul retrucou e começou a agredi-lo com socos na face. Foi a primeira vez que Shlomo sofria violência física em Sobibor. À tarde, Wagner viu seu estado e questionou quem havia feito aquilo. Shlomo respondeu, relutantemente, e o nazista disse que tomaria as providências devidas. No dia seguinte Wagner retornou juntamente com Poul e disse que tudo estava certo, ele podia terminar os anéis encomendados e depois fazer o que Poul desejava. Pouco depois que saíram retornou Klat e lhe entregou um bilhete de Abrão (SZMAJZNER, 1979, p. 147-149).

Na mensagem Abrão dizia que todos os judeus estavam mortos, com a exceção dos poucos escolhidos para trabalhar no campo. Explicava também como era operado o “processamento” dos chegados e a respeito dos horrores que ocorriam no campo. Por fim, dizia que sabia que seu fim estava próximo e fazia um apelo “Se você puder, fuja para vingar-se” (SZMAJZNER, 1979, p. 150-151).

No dia seguinte Shlomo respondeu à mensagem de Abrão. Mal Klat havia saído com o bilhete e a sua recompensa em ouro, o nazista Poul entrou na oficina, mais uma vez exigindo seu anel. O ourives tentou argumentar, lembrando-o do que haviam tratado anteriormente com Wagner, mas Poul, bêbado, estava irredutível. Com medo de apanhar, Shlomo acatou e Poul, dizendo que buscaria o anel no dia seguinte, jogou em cima de uma mesa um embrulho e saiu. Dentro do embrulho havia anéis

usados, dentes com incrustações em ouro e dentes de ouro. O ourives ficou chocado com o material que lhe foi entregue (SZMAJZNER, 1979, p. 163-164).

Shlomo estava envolvido nos jogos de poder e crueldade dentro do campo. A visita seguinte foi novamente de Wagner, para quem ele contou o ocorrido e explicou como acarretaria um atraso na encomenda anterior. Quando Wagner saiu, Szmajzner começou a trabalhar no anel de Poul. Assim que começou a fundir o ouro, um cheiro se espalhava pelo galpão, uma vez que os dentes ainda tinham resquícios de carne presos neles. Shlomo relata que sentiu ódio de si mesmo. Na tarde seguinte o anel estava pronto e foi entregue a Poul (SZMAJZNER, 1979, p. 165).

Um dia depois Shlomo sentiu na pele, mais uma vez, a crueldade dos nazistas. Entraram na oficina Wagner e Poul juntos, sorridentes, e ordenaram que ele saísse. Poul disse que ele levaria dez chibatadas. Shlomo não tinha escolha a não ser se submeter e foi açoitado sob o olhar de Wagner. Terminada a tortura, os dois nazistas saíram sem dar explicação (SZMAJZNER, 1979, p. 166).

Enquanto Szmajzner trabalhava e fazia o necessário para sobreviver, os transportes continuavam chegando em Sobibor e o campo era aprimorado para que melhor desempenhasse sua terrível finalidade. Chegavam sapateiros, alfaiates, chapeleiros e outros profissionais. Novos barracões eram construídos para comportar uma oficina mecânica e uma marcenaria. Diante da quantidade de pessoas escravizadas para servir os nazistas, foram criados dois blocos, o primeiro para alfaiates, sapateiros e carpinteiros e o segundo para o grupo de Shlomo, as lavadeiras, cozinheiros,

pedreiros, faxineiros e pedreiros, tendo como chefe o próprio ourives (SZMAJZNER, 1979, p. 176).

Os prisioneiros começaram a viver sob um regime militaresco. Acordavam, eram contados em formação e recebiam as ordens do dia. Na volta do trabalho e no toque de recolher havia uma nova contagem. Qualquer ausência era punida com vinte e cinco chicotadas para o encarregado do bloco. Faltas sucessivas acarretavam o envio do prisioneiro ao Campo III. Introduziu-se também a prática de exercícios físicos e de obrigar os prisioneiros a cantar enquanto o faziam. Qualquer erro era motivo para punições (SZMAJZNER, 1979, p. 177-178).

Apesar de tudo o que ocorria, Shlomo tinha um relacionamento amoroso com uma prisioneira, Bajle. A humanidade conseguia achar seu caminho, mesmo em Sobibor. O carinho de sua namorada e o amor por seus parentes eram uma grande força para que Shlomo mantivesse a sanidade.

Em agosto de 1942 Shlomo recebeu mais uma vez uma visita de Stangl, que encomendou a ele algumas joias pois iria viajar. Após a sua confecção e entrega, Stangl agradeceu e foi a última vez que o ourives o viu, uma vez que o nazista havia sido transferido para o comando de outro campo de extermínio, Treblinka. Depois disso Wagner o procurou e informou que agora ele trabalharia na oficina mecânica e eventualmente faria joias apenas para ele. O nazista não pretendia dividir o “seu” ourives com o novo comandante, Franz Reichleitner (SZMAJZNER, 1979, p. 196).

Sob a chefia de Shlomo, a oficina crescia e a ela eram acrescidos novos prisioneiros. Mesmo assim, continuava recebendo eventuais espancamentos e ameaças de morte, especialmente de Wagner, que

espalhava terror pelo campo. Wagner era conhecido como uma das pessoas mais cruéis de Sobibor, estando presente em grande parte da autobiografia de Szmajzner e também nos relatos de outros prisioneiros. Para ilustrar, podemos citar o depoimento de Regina Zielinski, dado ao autor:

Wagner, em particular, era um indivíduo violento, sádico e brutal. Espancamentos e fuzilamentos pareciam ser seu desejo mais básico, as únicas coisas que satisfaziam seu apetite por sangue. Ele parecia ser o oficial mais ativo do campo (...). Se tornou quase normal se testemunhar ou ouvir falar sobre o terrível apetite de Wagner por atirar em prisioneiros sem qualquer razão, e pelos espancamentos brutais (ABAL, 2014, p. 59).

Com o passar do tempo a revolta dos prisioneiros aumentava. Submetidos a terríveis condições, espancamentos e humilhações, muitos tentavam fugir, mas apenas poucos conseguiam. Wagner foi promovido a supervisor geral do Campo, sendo substituído por Karl Franz. À medida que a frequência dos transportes diminuía e que era observado que o estado dos judeus que chegavam era cada vez pior, aumentava o medo de que Sobibor estaria se tornando desnecessário e todos sabiam que, uma vez que isso ocorresse, todos seriam mortos. A revolta era uma necessidade.

4. Revolta em Sobibor

A possibilidade de uma revolta de maior magnitude surgiu com a chegada de um transporte de judeus vindos de Minsk em 23 de setembro de 1943. Entre eles foram selecionados oitenta homens para trabalhar nas construções dentro do campo. A particularidade desse transporte estava no

fato que a maioria desses homens eram prisioneiros de guerra, judeus do Exército Vermelho. Seu líder era o tenente Alexander “Sasha” Pechersky (ARAD, 1999, p. 306).

O tenente Pechersky logo foi reconhecido como uma liderança que poderia ajudar os prisioneiros de Sobibor a planejar e executar uma fuga bem-sucedida. Nas palavras de Szmajzner:

O levante sempre fora o ideal de muitos dos nossos, mas faltava aquele que pudesse impulsioná-lo. Para que todas as dificuldades fossem vencidas, haveria necessidade de um planejador e chefe. Ninguém melhor que Sasza, o *Politrak*. Doravante, ele seria o nosso condutor [...] *Politrak* era um homem de ação, e não um estrategista de secretaria. Fora forjado na têmpera dos campos de batalha ao defender sua pátria contra as hordas bestiais do III Reich. Com ele teríamos alguma esperança, se não de viver, pelo menos de matar (SZMAJZNER, 1979, p. 251).

Quatro dias após a chegada de Pechersky ele já foi abordado por prisioneiros a respeito da possibilidade de planejar uma fuga. Para homens saudáveis seria uma tarefa difícil, porém possível. Sasha tinha dúvidas em relação aos demais, muito fracos e debilitados. O plano começou a ter um espectro mais abrangente quando o tenente se encontrou com uma liderança já existente dentro do campo, Leon Feldhendler (ARAD, 1999, p. 308).

Feldhendler contou a Sasha sobre a existência de uma rede secreta dentro do campo para planejar uma fuga em massa e sugeriu que ele a liderasse. Após alguma resistência por parte do tenente, já que não sabia se poderia confiar em Feldhendler, os dois acabaram formando uma aliança

entre o grupo de prisioneiros judeus que já estava no campo e os militares recém-chegados (ARAD, 1999, p. 310).

O primeiro plano era fazer um túnel que começasse na carpintaria e terminasse depois do campo minado que ficava depois das cercas. Por alguns dias conseguiram proceder com escavações, mas em 8 e 9 de outubro uma forte chuva fez com que o túnel desmoronasse e o plano foi abandonado (ARAD, 1999, p. 311).

Um novo plano começou a ser elaborado e foi tomada a decisão de que ele teria que ser implementado no dia 13 ou 14, uma vez que Reichleitner e, principalmente, Wagner, estariam de folga e, portanto, longe do campo. A presença de Wagner seria um enorme risco à fuga, já que o nazista era, além de brutal, extremamente perspicaz. Outros membros da SS como Gomerski, Bolander e Klier já estavam de folga. Era o melhor momento para a revolta, que acabou marcada para o dia 13 (SCHELVIS, 2007, p. 154).

O comitê secreto se reuniu nas noites do dia 11 e 12 para acertar os detalhes da fuga. Na primeira reunião Pechersky discutiu a possibilidade de dois *kapos*, prisioneiros do campo designados pelos nazistas para supervisionar o trabalho e, portanto, muito suspeitos, fazerem parte da organização do levante. A proposta foi aceita e os *kapos* Pozyczka e Czepik juntaram-se a eles. Sua participação seria fundamental e, a partir disso, Sasha apresentou seu plano (ARAD, 1999, p. 316).

A primeira fase seria a liquidação dos membros da SS. Eles teriam que ser mortos um por um, atraídos pelos *kapos* para galpões e oficinas onde os prisioneiros os executariam. Os prisioneiros então se apoderariam de armas e fugiriam do campo pelo portão principal. Foi acertado um horário

para que tudo ocorresse: entre as 15:30 e 16:30 os oficiais da SS deveriam ser mortos. Entre as 16:30 e 17:30 a fuga ocorreria (ARAD, 1999, p. 317). Pouco antes, Szmajzner, que havia sido incorporado ao comitê, entraria no alojamento dos ucranianos fingindo ter que fazer reparos, roubaria armas e as entregaria aos membros do comitê (SCHELVIS, 2007, p. 159).

Na manhã do dia 13, porém, ocorreu um fato inesperado. Por volta das 10:30 um grupo de membros da SS chegou ao campo, vindos do campo de Osawa, próximo a Sobibor. Os revoltosos temiam que fossem reforços para controlar os prisioneiros, mas não era o caso. Logo após sua chegada eles foram para a cantina e começaram a beber e confraternizar com os seus colegas de Sobibor, partindo no mesmo dia. A revolta estava adiada para o dia seguinte (SCHELVIS, 2007, p. 158).

O dia 14 de outubro começou como de rotina. Às 10:00 Sasha foi informado que os nazistas da SS haviam sido atraídos para as oficinas. Niemann, comandante do campo na ausência de Reichleitner, iria ao alfaiate às 16:00 para provar um terno novo. Ao mesmo tempo Goettinger, comandante do Campo III iria ao sapateiro. Frenzel deveria comparecer à carpintaria entre as 16:00 e 16:30 para conferir um novo armário que estava sendo feito. Os outros foram chamados às oficinas com intervalos de quinze ou trinta minutos entre eles. Feito esse relatório outros líderes da revolta foram chamados para últimas instruções com o tenente (ARAD, 1999, pp. 322-323).

O assassinato dos membros da SS começou às 15:30. Um após o outro, os nazistas eram chamados para dentro dos galpões através de subterfúgios, como provar um casaco de couro, e mortos com golpes de machados ou facas improvisadas. Os prisioneiros que estavam no local e

não sabiam do plano, após o choque inicial, eram informados e se juntavam à revolta. Schwartz, um prisioneiro tcheco, foi o responsável por cortar as linhas telefônicas e a eletricidade do campo. Faltando quinze minutos para as 17:00 todos os nazistas do campo II estavam mortos (ARAD, 1999, p. 327).

Era a vez de Shlomo fazer sua parte na revolta. Para não atrair a atenção de algum guarda, Shlomo pegou ferramentas e um tubo utilizado em chaminés e se dirigiu ao alojamento dos ucranianos. Subiu o telhado, fingiu consertar algo, depois desceu e entrou no barracão, alegando que iria consertar o fogão. Lá estavam dois garotos judeus que faziam a limpeza nos alojamentos e outros serviços para os ucranianos. Shlomo foi em direção ao local onde ficavam guardadas as armas e pegou três fuzis. Ao contrário do planejado, não conseguiu coloca-los dentro do cano para os camuflar em virtude do ferrolho das armas, então envolveu-as em um cobertor e pediu que os garotos entregassem o embrulho a ele pela janela. Os meninos se apavoraram e negaram-se a fazer aquilo. Shlomo, sem alternativa, puxou uma faca e os ameaçou. Saindo do barracão e de frente à janela, recebeu os fuzis (SZMAJZNER, 1979, p. 273).

Chegando à cozinha do Campo I, viu que vários prisioneiros já estavam lá reunidos e os judeus russos tentaram apoderar-se das armas, mas Szmajzner insistiu em ficar com uma, mesmo não sabendo como usa-la. Estava próxima a hora da contagem dos prisioneiros no pátio e vários prisioneiros já estavam no local. O *kapo* Porzyczki soprou seu apito, era chegada a hora da segunda fase da revolta (SZMAJZNER, 1979, p. 274).

Um grupo de judeus atacou o arsenal do campo, conseguindo ferir um nazista e se apoderar de algumas armas. Um grande grupo de

prisioneiros correu para o portão principal, enquanto os guardas ucranianos e alemães restantes, passado o primeiro impacto, abriram fogo de suas posições. O portão principal parecia intransponível, então os prisioneiros tentaram atravessar o arame farpado e correr pelos campos minados, muitos sendo mortos e feridos. Aqueles que vinham atrás conseguiram passar e buscaram refúgio na mata. A presunção do tenente Pechersky, de que não existiam minas atrás da casa do comandante provou-se correta e ele e seu grupo conseguiram fugir por lá. Por piores que tenham sido os eventos inesperados, cerca de metade dos prisioneiros conseguiu fugir do campo, 300 pessoas atravessaram as cercas e campos minados e agora estavam na floresta (ARAD, 1999, pp. 330-333).

5. Depois da revolta

Nesse ponto podemos retornar ao relatado por Stanislaw Szmajzner, que assim expos o momento logo após a fuga:

Em correria louca, penetramos finalmente na parte mais espessa da floresta. Estávamos sem rumo certo, cada qual procurando acompanhar o outro, pensando talvez que alguém tivesse algum destino. Entretanto, existia um objetivo comum: distanciar-se o máximo possível de Sobibor (SZMAJZNER, 1979, p. 278).

Shlomo e um grupo de judeus correram por cerca de duas horas até chegar em uma clareira. De tempos em tempos chegava mais alguém para se juntar ao grupo. Entre eles, oito judeus russos, dentre os quais estava Sasha, portando uma pistola. Conversando sobre o que fazer naquele

momento, não conseguiam chegar a um consenso, mas restava a esperança no tenente soviético (SZMAJZNER, 1979, p. 279).

Após um período de repouso juntou-se o grupo de judeus russos para decidir o que fazer, aos quais Shlomo se uniu, uma vez que possuía um fuzil e munição. Pouco depois um dos militares pediu a arma do ourives, já que ele não saberia o que fazer com ela. Shlomo não cedeu e permaneceu com seu fuzil. Ficou deliberado que tentariam atravessar o rio Bug e chegar à linha de frente para encontrar os soviéticos. Para tanto, recolheram entre os presentes o que havia de valor para trocar por mantimentos em uma aldeia próxima. Os judeus russos se prontificaram a ir, enquanto Shlomo ficaria com seu fuzil para proteger as cerca de cem pessoas que lá estavam (SZMAJZNER, 1979, p. 280).

Enquanto aguardavam o retorno dos russos, Shlomo ficou sabendo que seu primo Nojech e sobrinho Jankus haviam sido mortos. Seu irmão Moisze conseguiu fugir, mas posteriormente seria assassinado por guerrilheiros poloneses de extrema-direita. Szmajzner e os demais fugitivos aguardaram, ouviram tiros vindos da aldeia e esperaram o quanto puderam, até compreender que os militares não voltariam mais. Eles haviam sido abandonados pelos soviéticos. Era hora de partir enquanto ainda eram acobertados pela noite (SZMAJZNER, 1979, pp. 280-281).

Começou uma nova discussão, uma vez que eles não poderiam escapar todos juntos, sendo necessário formar pequenos grupos. Após alguns desentendimentos, Shlomo conseguiu juntar um pequeno bando e todos os grupos tomaram caminhos diferentes. O ourives e seu grupo ficaram a maior parte do dia imóveis, uma vez que as estradas estavam cheias de alemães e ucranianos buscando pelos fugitivos. Apenas quando

anoiteceu novamente começaram a caminhar e se depararam com uma cabana, onde vivia um idoso sozinho e que lhes deu o único pedaço de pão que tinha. Comeram e partiram em seguida, atravessando um pântano com muito custo. Quando finalmente chegaram do outro lado, o impensável acontecera: estavam de volta a Sobibor (SZMAJZNER, 1979, pp. 282-285).

Viraram-se na direção oposta ao campo para evitar enxerga-lo e esperaram a chegada da noite para continuar sua fuga. Caminharam por dias até chegar em uma casa isolada e bateram à porta. Uma voz de dentro perguntou quem era e Shlomo respondeu que eram guerrilheiros. A porta foi aberta. Lá havia um grupo de poloneses e Shlomo pediu comida. Conversaram um pouco a respeito da localidade e do que sabiam sobre Sobibor, sendo informados que tinham sido encomendados dezesseis caixões para serem enviados para o local. Os fugitivos ficaram exultantes, a revolta tinha dado resultados. Agradeceram e partiram rumo à região de Lublin, rica em florestas e onde poderiam encontrar grupos de partisans (SZMAJZNER, 1979, pp. 288-289).

Após alguns dias de caminhada encontraram uma aldeia chamada Izdebno e Shlomo e dois companheiros resolveram ir até lá comprar mantimentos. Quando regressaram ouviram vozes estranhas e perceberam que o grupo estava cercado por guerrilheiros poloneses. Os guerrilheiros renderam os judeus e roubaram deles tudo o que tinham, inclusive o fuzil de Shlomo. Após, começaram a atirar, salvando-se apenas Shlomo e outros dois, Majer e Jankiel, que escaparam (SZMAJZNER, 1979, pp. 290-292).

Shlomo e Majer acataram a sugestão de Jankiel de seguirem caminhando até Tarnawa-Duza. Lá, segundo ele, havia um polonês amigo seu que ajudaria eles. Mesmo desconfiados, seguiram o caminho até a aldeia

e chegaram na casa do polonês, Josef, que os recebeu muito bem, alimentando-os e dando abrigo a eles por um bom tempo, não explicitado por Shlomo, mas o suficiente para que eles se recuperassem e para que o ourives pudesse questionar sobre seu desejo de juntar-se aos partisans, o que era desestimulado por Josef, já que muitos grupos guerrilheiros eram antissemitas. A melhor chance era de se juntar a grupos soviéticos ou comunistas poloneses (SZMAJZNER, 1979, pp. 293-298).

Uma noite, Majer resolveu partir e nunca mais foi encontrado. De todo o grupo, apenas Shlomo e Jankiel sobreviveram. Cansados de se esconder, os dois partiram de Tarnawa-Duza separadamente, agradecendo imensamente a generosidade de seu benfeitor. Jankiel também nunca mais foi encontrado. A última frase do relato autobiográfico de Shlomo revela os seus passos seguintes: “Meu obstinado desejo não se eclipsara. Agora queria esquecer tudo aquilo e pensar apenas na *vendetta*” (SZMAJZNER, 1979, p. 300).

Szmajzner não relatou em seu livro a respeito dos seus passos seguintes. Sabemos, porém que ele ingressou em um grupo partisan soviético onde permaneceu por cerca de um ano, inclusive ganhando uma medalha por bravura. Em 1947 Shlomo planejava emigrar para Israel, mas primeiro visitaria parentes no Rio de Janeiro. Acabou se estabelecendo no Brasil (RASHKE, 2011, p. 275-278). Sobre sua vida no Brasil temos acesso a poucos dados no que diz respeito à sua biografia, por isso relatamos a respeito do constante no material existente.

Por dez anos ele teve uma joalheria no Rio de Janeiro, casou-se e começou uma família. Em 1958 decidiu comprar um rancho em Goiás e criar gado, o que fez até 1967, quando vendeu a fazenda e mudou-se para

Goiânia, onde virou diretor executivo de uma indústria de reciclagem de papel (RASHKE, 2011, p. 275).

Em 1969 publicou o livro que serve como base para esse artigo. A obra, segundo ele, “foi a melhor coisa que eu fiz em minha vida [...] a melhor terapia. Eu prometi a mim mesmo dizer a verdade, mesmo que magoasse alguém. Por causa do livro, grande parte da pressão que eu sentia foi aliviada junto com muita raiva” (RASHKE, 2011, p. 284).

Quando veio para o Brasil Shlomo certamente não imaginava que sua vida se cruzaria novamente com a de seus algozes. O seu livro foi publicado apenas dois anos depois que Franz Stangl, ex-comandante de Sobibor e Treblinka, havia sido encontrado em São Paulo e extraditado para a Alemanha. Mais marcante ainda seria seu reencontro com Gustav Wagner.

Após a guerra Wagner também fugiu para o Brasil, residindo em Atibaia no estado de São Paulo e trabalhando como caseiro em um sítio. Em 1978, após uma estratégia montada pelo “caçador de nazistas” Simon Wiesenthal e o jornalista brasileiro Mario Chimanovitch, Wagner se entregou à polícia e sofreu pedidos de extradição da Alemanha, Áustria, Israel e Polônia. Inicialmente Wagner negou se tratar de um oficial da SS que havia cometido crimes em Sobibor, até que Szmajzner interveio (ABAL, 2014).

Shlomo viu uma reportagem sobre a prisão de Wagner e partiu de Goiânia até São Paulo para encarar seu algoz. A Folha de São Paulo publicou, em 01 de junho de 1978 a conversa entre os dois:

Szmajzner: Você lembra de mim? Eu lembro muito bem de você. Eu jamais esqueceria o seu rosto. E você, pode lembrar de mim?
Wagner: Eu lembro sim, eu também lembro de você. Eu tirei você do trem, quando você chegou a Sobibor, você e seus três irmãos.

Szmajzner: Isso mesmo, você lembra sim. Só errou uma coisa: dos outros três, só um era meu irmão, os outros dois eram meus primos.

Wagner: Eu salvei a sua vida, eu separei você para trabalhar na oficina de joias, você era ourives, apesar da pouca idade. Eu salvei você porque separei você.

Szmajzner: Você não salvou a minha vida coisa nenhuma. Você me separou porque estava faltando ourives na oficina e eu era ourives. Meus pais não eram ourives e você mandou meus pais para a câmara de gás.

Wagner: Eu não matei ninguém. Eu só cumpri ordens. Eu não tinha posição de comando. Eu trabalhei com o comandante Paul Stangl, mas só ele mandava. Eu nunca mandei nada em Sobibor.

Szmajzner: Você mandava, sim, e no começo era você quem recebia os trens cheios de judeus, separando os que iam morrer e os que iam esperar para morrer depois, porque ali todos iam morrer, mais cedo ou mais tarde. E você separava os judeus a porretadas, batendo em todos, as vezes com um pedaço de pau, outras vezes com um chicote.

Wagner: Eu separava, mas não batia, você não lembra bem de mim. Eu sempre fui muito humano e nunca matei ninguém. Eu só cumpri ordens em Sobibor.

Szmajzner: Seja homem e diga a verdade. Eu sou judeu e sou homem. Você é nazista e não é homem. Seja homem e diga a verdade. Diga toda a verdade. Seja macho uma vez na vida. Diga toda a verdade. Onde está a sua valentia de Sobibor, dos tempos de Sobibor, quando você matava os judeus, quando você era subcomandante de Sobibor? Você não é macho, você mente, mas você não poderá fazer isso por muito tempo.

Wagner: Você ainda vai me pagar por tudo isso. Eu mandei em Sobibor, sim, você sabe disso, e mandei muito. Mas o que é que você está pensando, que tudo acabou, que eu estou acabado? Eu tenho pena de você. Minha vida acabou, está bem, mas e a sua? A sua vida não acabou, você vai viver muito tempo e, por isso, vai dar tempo de você pagar o que você está me fazendo (FLOSI, 1978, p. 20).

A farsa de Wagner estava acabada. Mais uma vez Shlomo conseguia se vingar de um de seus principais carrascos. Por questões técnicas envolvendo a prescrição dos crimes e o enquadramento dos atos de Wagner como genocídio, o Supremo Tribunal Federal acabou indeferindo, por maioria, a extradição do nazista.³ Solto, Wagner retornou à sua casa em Atibaia e, em 03 de outubro de 1980, suicidou-se com um golpe de faca no peito. A possibilidade de ter se tratado de homicídio foi descartada pelo delegado de polícia responsável pelo caso (ABAL, 2014).

Com a repercussão do caso Wagner o livro de Szmajzner foi reeditado em 1979, mas nunca alcançou um grande público. Em 03 de março de 1989 Shlomo, o único sobrevivente de Sobibor que residiu no Brasil, faleceu em Goiânia, tendo realizado sua maior vingança: sobreviver aos horrores nazistas.

Considerações finais

Cada vivência é única e tentar, de forma sucinta, retratar os principais fatos ocorridos na vida de uma pessoa é um trabalho árduo. No decorrer desse artigo o autor teve de selecionar os acontecimentos que entendeu mais relevantes para alcançar os objetivos desse texto, primeiramente, expor a respeito da vida de Stanislaw Szmajzner. Através desse esforço pensamos que foi possível atingir também o segundo

³ Para mais detalhes ver ABAL, Felipe Cittolin. **Nazistas no Brasil e extradição: os pedidos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma análise histórico-jurídica.** Curitiba, Juruá: 2014.

objetivo, demonstrar através de um exemplo o tratamento dado aos judeus pelos nazistas.

O ocorrido em Sobibor foi exposto em diversas pesquisas acadêmicas, relatos de sobreviventes, obras literárias e filmes, destacando-se “Fuga de Sobibor”, de 1987, baseado no livro homônimo e o recente “Sobibor”, de 2018, baseado em uma visão centrada na figura de Alexander Pechersky.

Entendemos, porém, ser relevante estudar casos individuais, uma vez que muitas vezes, quando se fala a respeito do genocídio judeu em números, não é possível captar os impactos nas pessoas, suas vivências e relacionamentos, por exemplo. Cada um dos judeus, homossexuais, testemunhas de Jeová e opositores do regime que foram assassinados possuía uma história própria que não pode ser vislumbrada através de números.

Assim, esperamos que essa exposição faça jus à memória de Stanislaw Szmajzner, bem como sua memória auxilie no intento de que um novo holocausto não venha a acontecer e que experiências como o nazismo não se repitam, o que sempre é um risco, especialmente em tempos de negação da história e de revisionismos ideológicos que tentam amenizar os crimes cometidos pelos nazistas.

Referências bibliográficas

ABAL, F. C. **Nazistas no Brasil e Extradicação**: os pedidos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma ótica histórico-jurídica. Curitiba: Juruá, 2014.

ARAD, Y. **Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard death camps.** Bloomington: Indiana University Press, 1999.

BIALOWITZ, P.; BIALOWITZ, J. **A promise at Sobibór.** Madison: University of Wisconsin Press, 2010.

ELMIR, C. P. A palavra como um bisturi. In: PEDRO, J. M.; WOLFF, C. S. (Org.). **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 194.

FLOSI, E. “Você separava judeus a porretada”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 de junho de 1978, p. 20.

GAGNEBIN, J. M. Verdade e Memória do Passado. **Projeto História.** v. 17, nov. 1998, pp. 213-221.

KLEIN, B. The Judenrat. **Jewish Social Studies.** vol. 22, n. 1 (Jan., 1960), pp. 27-42.

RASHKE, R. **Fuga de Sobibor.** Trad. de Felipe Cittolin Abal. Editora Sinverso: Porto Alegre, 2011.

SCHELVIS, J. **Sobibor: A history of a nazi death camp.** Traduzido por Karin Dixon. Nova Iorque: Berg Publishers, 2007.

SZMAJZNER, S. **Inferno em Sobibor: a tragédia de um adolescente judeu.** 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1979.